

Correia Garção

ODE

Pois torna o frio Inverno, sacudindo
Das estridentes asas gelo agudo,
As retalhadas mãos, amável Lídia,
Aqueçamos ao fogo.

Enquanto pelos montes, que branquejam,
As cristalinas câs de anosos troncos
Com os raios do sol estão brilhando
Quais brilham de Marília.

Da travessa Marília, os ledos olhos,
À chaminé um pouco nos sentemos:
Já silvando entre ondadas labaredas
A seca lenha estala.

Conversemos, bebamos, murmuremos:
Contigo as Graças vêm, comigo Amores,
Que no varrido lar ao lume secam
As orvalhadas penas.

Os frouxos arcos bocejando largam,
E, nas cruéis aljavas reclinados,
Porque velam de noite, sonolentos,
(Coitados!) adormecem.

Ferve o cheiroso ponche, que desterra,
A pesada tristeza, os vãos temores,
Que deixa voar solto o pensamento
Nas asas da Alegria.

Reluzindo na mesa os cristais limpos,
Nos pedem que bebamos, que brindemos:
Ora bebamos, Lídia, deixa aos Astros
O governo das Orbes.

Não queiras triste penetrar a densa,
Caliginosa névoa do futuro:
Não percas um instante de teus dias:
Olha que o tempo voa!

Voam com ele nossas esperanças,
Castelos sobre nuvens levantados!
A mais pomposa cena da Fortuna
D'improviso se troca!

Apenas vi raiar um doce riso
No angélico semblante de Marília.
Dos olhos me fugiu o lindo gesto
Que os olhos me levava.

Qual sonhado tesouro em negra cinza,
Se tornou todo o meu contentamento:
Ah, Marília cruel! que te custava
Trazer-me este engano?

Voai, feri, Amores, essa ingrata;
Fazei-a suspirar por quem lhe fuja;

Prove o tormento igual a meu tormento:
Em vão, em vão se queixe.

Perdoa, Lídia, se blasfemo e grito,
Que ponche também faz dizer verdades;
É Marília formosa, mas ingrata...
Creio que o tempo muda.

Bocage

Soneto

Olha, Marília, as flautas dos pastores,
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha: não sentes,
Os Zéfiros brincar por entre as flores?

Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores!

Naquele arbusto o rouxinol suspira;
Ora nas folhas a abelhinha pára,
Ora nos ares, sussurrando, gira.

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu não te vira,
Mais tristeza que a morte me causara.